

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Militares tentam dar golpe de Estado na Bolívia

Presidente Luis Arce conseguiu desmobilizar as tropas do Exército

/ AMÉRICA DO SUL

Militares das Forças Armadas da Bolívia tentaram dar um golpe de Estado no país ontem e tomaram a praça em La Paz onde fica o palácio presidencial, com soldados liderados por um general destituído do cargo na terça-feira, adentrando o prédio.

O presidente boliviano, Luis Arce, denunciou por meio das redes sociais o que chamou de “mobilização irregular” de unidades do Exército, enquanto o ex-presidente Evo Morales convocou uma “mobilização nacional pela democracia”.

Algumas horas depois, Arce ordenou que o general Juan José Zúñiga desmobilizasse as tropas imediatamente e em seguida demitiu os três chefes das Forças Armadas e nomeou seus substitutos. O novo comandante do Exército repetiu a ordem para que as tropas se retirassem. Depois de horas de tensão, os soldados obedeceram e deixaram a Praça Murillo, sede da Presidência da Bolívia. De acordo com a agência de notícias Reuters, policiais comuns têm o controle.

Um blindado do Exército foi jogado contra a entrada do palácio presidencial e soldados tentaram entrar no prédio. O general Juan José Zúñiga, que liderou a tentativa de golpe e que foi destituído do cargo de comandante do Exército na terça, disse que “por enquanto” reconhece Arce como chefe das Forças Armadas, mas que haverá uma troca ministerial no governo.

“Os três chefes das Forças Armadas viemos expressar nossa discordância. Vai haver um novo gabinete de ministros, com certe-



Policiais tomaram conta da praça em frente à sede do governo

za as coisas vão mudar, mas nosso país não pode continuar desse jeito”, disse Zúñiga à mídia local.

De acordo com o jornal boliviano El Deber, Zúñiga entrou no palácio, conversou com Arce e depois saiu do prédio. O veículo argentino Clarín afirma que Arce ordenou que Zúñiga se retirasse.

Tropas dispararam bombas de gás contra pessoas que tentaram entrar na praça. O secretário-geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), o uruguaio Luís Almagro, condenou a movimentação do Exército, dizendo que a Força “deve se submeter ao controle civil legitimamente eleito”.

Zúñiga foi removido do cargo depois de uma série de ameaças contra Evo Morales, antigo aliado de Arce - os dois se afastaram nos últimos anos. O general vinha dizendo que Evo “não pode mais ser presidente desse país”, fazendo alusão a uma suposta ingerência do ex-presidente no governo.

“Caso cheguemos a isto”, disse Zúñiga em uma entrevista nesta segunda, “não permitirei que

pisoteie a Constituição, que desobedeça o mandato do povo”. Afirmou ainda que “as Forças Armadas são o braço armado do povo, o braço armado da pátria”.

Evo respondeu que ameaças desse tipo não tem precedente na democracia e pressionou o governo Arce, dizendo que se a fala não fosse desautorizada pelo presidente e pelo ministro da Defesa, “estará comprovado que na verdade estão autorizando um autogolpe”.

Ontem, Evo convocou apoiadores a uma “mobilização nacional pela democracia” contra “o golpe de Estado encabeçado pelo general Zúñiga” e convocou uma greve geral com bloqueio de rodovias.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que solicitou ao ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, para entrar em contato com autoridades da Bolívia antes de tomar uma posição a respeito da situação no país vizinho. Lula afirmou ainda que quer que “a democracia prevaleça” e disse que “golpe nunca deu certo”.

Julian Assange é recebido por familiares e apoiadores na Austrália

/ REINO UNIDO

O fundador do WikiLeaks, Julian Assange, desembarcou na Austrália ontem, após trocar uma confissão de culpa por sua liberdade, em um acordo com os Estados Unidos que encerrou uma batalha legal de 14 anos. Ele foi recebido por apoiadores em sua terra natal.

O australiano chegou em um jato particular ao aeroporto de Canberra, capital do país, pouco depois das 19h30min local (6h30min no Brasil), acenou para imprensa e apoiadores que aplaudiam sua chegada e beijou sua esposa, Stella, levantando-a do chão. O ativista também abraçou seu pai, uma das principais vozes pela sua libertação nos últimos anos, antes de entrar no prédio do terminal com sua equipe jurídica.

O primeiro-ministro australiano, Anthony Albanese, que se empenhou por anos pela libertação de Assange, disse que conversou com ele por telefone depois que seu avião pousou. “Tive uma conversa muito calorosa com ele esta noite. Ele foi muito generoso em seus elogios aos esforços do governo australiano”, disse o premiê em uma entrevista coletiva. “O governo australiano defende os cidadãos australianos.”

O desembarque encerra uma saga de 12 anos de privação de liberdade. Primeiro, ele se refugiou na embaixada do Equador no Reino Unido, em 2012, para evitar a extradição à Suécia em uma investigação por agressão sexual, que ele nega. Sete anos depois, em 2019, foi retirado do prédio e preso pela polícia britânica em um processo relacionado a um pedido de extradição feito pelos EUA, que moveu 18 acusações criminais contra o ativista com base principalmente na Lei de Espionagem, de 1917.

Na segunda, Assange deixou a prisão de segurança máxima Belmarsh, em Londres, e, no dia seguinte, apresentou-se a um tribunal no território norte-americano de Saipan, ilha no oceano Pacífico que foi escolhida pela relativa proximidade com a Austrália e pelo fato de que ele se recusava a viajar aos EUA. O ativista concordou em se declarar culpado do crime de disseminação ilegal de material de segurança nacional, pelo qual deve ser condenado a cinco anos e dois meses de prisão - exatamente o tempo em que esteve preso no Reino Unido, razão pela qual saiu como um homem livre do tribunal. Se tivesse sido condenado por todas as acusações, Assange poderia enfrentar até 170 anos de privação de liberdade em uma prisão federal.



Desembarque do fundador do Wikileaks encerra uma saga de 12 anos

Otan nomeia o primeiro-ministro holandês, Mark Rutte, como próximo secretário-geral

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) nomeou ontem o primeiro-ministro da Holanda, Mark Rutte, como seu próximo secretário-geral. Ele chega ao comando da maior organização de segurança do mundo em um momento crítico na Europa, enquanto a guerra na Ucrânia continua.

A nomeação de Rutte foi ofi-

cializada pelos embaixadores da Otan durante uma reunião na sede da aliança de 32 nações, em Bruxelas, na Bélgica. O presidente dos EUA, Joe Biden, e seus homólogos irão recebê-lo formalmente à mesa durante uma cúpula em Washington, entre os dias 9 e 11 de julho.

Rutte assumirá o cargo do norueguês Jens Stoltenberg, em 1º de outubro. Ele esteve à frente da Otan por mais de uma década

e seu mandato foi repetidamente estendido, em parte para fornecer continuidade ao trabalho após a Rússia invadir a Ucrânia em 2022.

“Recebo calorosamente a escolha dos aliados da Otan de Mark Rutte como meu sucessor,” disse Stoltenberg. “Mark é um verdadeiro transatlântico, um líder forte e um construtor de consenso. Desejo-lhe todo o sucesso enquanto continuamos

a fortalecer a Otan para os desafios de hoje e de amanhã. Sei que estou deixando a Otan em boas mãos,” acrescentou.

Os secretários-gerais presidem reuniões e orientam consultas - muitas vezes delicadas - entre os países-membros para garantir que a organização, que opera por consenso, possa funcionar sem problemas. O líder da Otan também garante que as decisões sejam co-

locadas em prática e fala em nome de todos os membros.

Vários obstáculos estavam no caminho de Rutte para garantir o cargo, embora ele tivesse o apoio da Casa Branca e da maioria dos outros grandes países-membros, incluindo a Alemanha. Ele emergiu como o único candidato depois que o presidente romeno Klaus Iohannis retirou sua candidatura na semana passada.